

PARAGENS HEIDEGGERIANAS: ARTE, VERDADE E FINITUDE*

HEIDEGGERIAN LANDSCAPES: ART, TRUTH, AND FINITUDE

Edmar Avelar de Sena**
Alexandre Costa Tayer***

RESUMO

A proposta desta comunicação é dialogar sobre as relações entre arte, verdade e finitude no pensamento de Martin Heidegger, com ênfase na compreensão do ser-para-a-morte (*Sein-zum-Tode*) como dimensão constitutiva da existência humana. Nesse horizonte, a obra de arte se revela como evento de verdade, irreduzível a conteúdos conceituais ou intenções autorais – compreensão que ressoa com a crítica de Susan Sontag à hermenêutica do conteúdo. Conclui-se que o poético emerge como possibilidade originária de habitação do mundo, instaurando uma relação mais autêntica entre o humano, o tempo e a verdade.

PALAVRAS-CHAVE: arte; verdade; finitude; ontologia; Susan Sontag.

ABSTRACT

This paper engages in a dialogue concerning the relations between art, truth, and finitude in the philosophy of Martin Heidegger, focusing on the understanding of being-towards-death (*Sein-zum-Tode*) as a constitutive dimension of human existence. Within this framework, the artwork reveals itself as an event of truth, irreducible to conceptual content or authorial intention — an understanding that resonates with Susan Sontag’s critique of interpretive hermeneutics. It is concluded that the poetic emerges as an originary possibility of inhabiting the world, establishing a more authentic relation among the human, time, and truth.

KEYWORDS: art; truth; finitude; ontology; Susan Sontag.

1 A QUESTÃO DO SER E A TAREFA DA FILOSOFIA

Para Martin Heidegger, a metafísica ocidental afastou-se progressivamente de sua tarefa originária: a interrogação acerca do sentido do Ser. Aquilo que deveria constituir o fundamento do pensamento tornou-se, paradoxalmente, seu principal esquecimento. Em *Ser e tempo*, Heidegger (2012, p. 37) formula com precisão o problema: “Embora nosso tempo se arrogue o progresso de afirmar novamente a metafísica, a questão do Ser caiu no esquecimento”.

* Comunicação recebida em 10/06/2025 e aprovada para publicação em 01/07/2026.

** Doutor e Mestre em Ciência da Religião pela UFJF. Graduado em Filosofia pela PUC Minas. Professor do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: edmarsena.mg@gmail.com.

*** Graduando em Artes plásticas pela UEMG. Contato: [linkedin.com/in/alexandre-costa-tayer-84140b265](https://www.linkedin.com/in/alexandre-costa-tayer-84140b265).

Os pensadores originários da tradição grega, especialmente Heráclito e Parmênides, já buscavam uma compreensão primordial do Ser mediante a linguagem poética e o pensamento originário. Por essa razão, Heidegger frequentemente os denomina “pensadores do Ser”, distinguindo-os da tradição metafísica posterior, marcada pela objetificação do ente e pelo predomínio da racionalidade técnico-conceitual.

O Ser, entretanto, permanece velado e enigmático. O projeto filosófico heideggeriano consiste precisamente em reconduzir o pensamento à questão originária da filosofia: a interrogação acerca do sentido do Ser. Trata-se de restabelecer uma relação mais originária entre o homem e sua abertura ontológica ao mundo.

Nesse contexto, o *Dasein* não deve ser compreendido como simples sujeito racional, mas como existência lançada no mundo, marcada pela temporalidade, pela historicidade e pela finitude. A própria constituição existencial do homem implica uma dimensão ética implícita, ainda que não sistematicamente desenvolvida por Heidegger. Tal dimensão manifesta-se na exigência de autenticidade diante da existência e na responsabilidade assumida frente às possibilidades do próprio ser.

2 ARTE E VERDADE: DESVELAMENTO E ABERTURA DO SER

A relação entre arte e verdade ocupa posição central no pensamento de Martin Heidegger, sobretudo em *A origem da obra de arte* (Heidegger, 2010). Para o filósofo, a obra artística não constitui mera representação da realidade, mas um acontecimento originário no qual a verdade se desvela enquanto *ἀλήθεια* (*aletheia*), isto é, não ocultamento (*Unverborgenheit*). Nesse horizonte, a arte deixa de constituir simples ornamentação estética ou imitação do real, tornando-se um modo originário de manifestação do Ser. A obra de arte não apenas representa o ente, mas instaura um mundo, abrindo uma clareira (*Lichtung*) ontológica na qual o Ser pode advir ao desvelamento.

Maria José Rago Campos (1992), em *Arte e verdade*, aprofunda essa perspectiva ao compreender a obra de arte como lugar privilegiado de abertura ontológica, no qual o ente se manifesta em sua verdade própria. A obra não apenas revela, mas simultaneamente preserva o mistério e o velamento constitutivos da própria verdade. Do mesmo modo, Benedito Nunes (1999), em *Passagem para o poético*, destaca a dimensão poética da arte como linguagem originária de abertura do mundo. Para o autor, a poesia transcende a função meramente comunicativa da linguagem, instaurando novos horizontes de sentido e existência. Como afirma

Nunes (1999, p. 32) “A Arte, como forma simbólica, é uma forma de conhecimento para o artista que cria e para a consciência que contempla o produto de sua criação”.

A universalidade da arte, entretanto, não se confunde com a universalidade do conhecimento científico. Sua força reside precisamente na capacidade de produzir uma experiência singular de verdade, fundada não na demonstração conceitual, mas na abertura experiencial ao Ser. A obra de arte instaura, portanto, uma tensão essencial entre desvelamento e ocultamento: a verdade não corresponde à adequação entre intelecto e objeto (*adaequatio intellectus et rei*), mas ao acontecimento originário mediante o qual algo se torna manifesto. Nesse sentido, a arte constitui um dos modos privilegiados pelos quais a verdade acontece historicamente.

3 A CRÍTICA DE SUSAN SONTAG À HERMENÊUTICA E SUA RESSONÂNCIA COM HEIDEGGER

O pensamento heideggeriano sobre a arte como evento de verdade encontra um interlocutor inesperado, porém iluminador, na crítica que Susan Sontag¹ dirige à hermenêutica em seu ensaio *Contra a interpretação*. Ainda que os horizontes teóricos de ambos os autores sejam distintos – Sontag (1987) não opera dentro do quadro da ontologia fundamental nem se filia explicitamente à tradição fenomenológica –, a convergência de seus diagnósticos sobre a redução da arte à decifração de conteúdos revela uma preocupação comum de amplo alcance filosófico.

Para Sontag, a prática interpretativa dominante na crítica de arte e literatura consiste em escavar por trás da superfície sensível da obra em busca de um “verdadeiro conteúdo” subjacente. Trata-se, a seu ver, de uma violência exercida sobre a obra: ao traduzir a experiência estética em conteúdo conceitual, a interpretação empobrece e domestica o que há de irredutível na arte. Em suas palavras:

Interpretar é empobrecer, esvaziar o mundo – a fim de instaurar um mundo-sombra de ‘significados’. [...] O mundo, nosso mundo, está já suficientemente empobrecido, já bastante empobrecido. Eliminar o mundo a fim de instaurar uma duplicata do mundo é intolerável (Sontag, 1987, p. 15).

¹ Em *Contra a interpretação (Against Interpretation) e outros ensaios*, Sontag (1987) defendia uma experiência mais imediata e sensorial da arte. Ela argumentava que a “interpretação” se tornara uma forma de o intelecto dominar a arte, chamando-a de “a vingança do intelecto contra a arte”. Ela queria permitir que a arte “fosse uma lei para si mesma” e se afastar da intelectualização excessiva.

Em contraposição à hermenêutica do conteúdo, Sontag reivindica uma crítica que seja, antes de tudo, uma *erótica da arte*: uma atenção rigorosa à forma, à textura sensível, à presença imediata da obra. Não se trata de abdicar do rigor intelectual, mas de deslocar o eixo da experiência estética da decifração para o encontro. Nesse sentido, a crítica deve aprender a “mostrar como isso é o que é, até mesmo que é o que é, em vez de mostrar o que significa” (Sontag, 1987, p. 22).

A aproximação com Heidegger torna-se manifesta quando se observa que, também para o filósofo alemão, a obra de arte não é portadora de uma mensagem a ser decifrada, mas o lugar em que a verdade irrompe como acontecimento. Reduzir a obra a um “conteúdo” oculto equivale, na perspectiva heideggeriana, a submetê-la à lógica da representação (*Vorstellung*), restituindo-a ao domínio do ente calculável e disponível. A obra, ao contrário, exige do contemplador uma disposição de abertura (*Offenheit*), um deixar-se interpelar pelo Ser que nela se desvela.

As diferenças entre os dois autores, contudo, não devem ser minimizadas. Sontag opera predominantemente no campo da crítica cultural e da estética literária, e sua recusa da interpretação tem motivações em parte distintas das de Heidegger: enquanto este a recusa por comprometer a relação originária com o Ser, aquela a recusa em nome da experiência sensível e do prazer estético. Ademais, Sontag não desenvolve uma ontologia da obra nem mobiliza o conceito de *aletheia*. Não obstante, a convergência de seus gestos críticos – a resistência à redução hermenêutica da arte ao conceito – constitui um ponto de diálogo filosoficamente produtivo, que autoriza a aproximação sem exigir a identificação.

4 FINITUDE E SER-PARA-A-MORTE

A finitude (*Endlichkeit*) constitui dimensão fundamental da analítica existencial do *Dasein*. Em Martin Heidegger, o ser-para-a-morte (*Sein-zum-Tode*) não deve ser interpretado como simples referência ao término biológico da vida, mas como a possibilidade mais própria, incontornável e insuperável da existência humana. A consciência da morte não conduz necessariamente ao desespero; ao contrário, ela possibilita ao *Dasein* assumir autenticamente sua própria existência. Ao confrontar-se com sua finitude, o homem é reconduzido à singularidade de seu existir e à responsabilidade por suas escolhas e possibilidades.

Nesse contexto, a arte pode ser compreendida como uma das formas pelas quais o *Dasein* enfrenta sua própria transitoriedade. Ainda que a obra artística permaneça submetida ao

tempo histórico, ela preserva a possibilidade de instaurar um horizonte duradouro de sentido. Ao abrir um mundo, a obra de arte confronta o caráter efêmero da existência humana e testemunha a tensão permanente entre temporalidade e permanência.

A experiência estética torna-se, assim, uma forma privilegiada de aproximação entre verdade e finitude, permitindo ao homem habitar poeticamente o mundo mesmo diante da precariedade constitutiva de sua existência. O instante (*Augenblick*) em que a obra interpela o contemplador é, para Heidegger, um instante de decisão e abertura: o tempo se concentra e o Ser vem à presença com urgência precisamente porque a existência é finita e irrepetível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As paragens heideggerianas da arte, da verdade e da finitude revelam uma profunda articulação ontológica que ultrapassa os limites da especulação abstrata, alcançando diretamente a compreensão contemporânea da existência humana. Em Martin Heidegger, a arte emerge como acontecimento privilegiado de desvelamento da verdade, instaurando espaços de abertura nos quais o Ser pode manifestar-se historicamente.

A contribuição de Susan Sontag, ao recusar a redução hermenêutica da arte a um conteúdo interpretável, dialoga de modo produtivo com essa perspectiva, ainda que a partir de coordenadas teóricas distintas. Ambos os autores confluem na defesa de uma experiência da obra que não a dissolva em conceito, mas que a mantenha como presença irredutível – seja na forma de evento ontológico, seja na forma de encontro sensível imediato.

A finitude, por sua vez, não representa mero limite negativo da existência, mas condição constitutiva da autenticidade do *Dasein*. O ser-para-a-morte reconduz o homem à responsabilidade por sua própria existência, exigindo dele uma relação mais originária com o tempo, com a linguagem e com o mundo.

Nesse horizonte, a linguagem poética assume relevância decisiva. O poético não se reduz ao campo estético, mas constitui modo originário de habitação do mundo, capaz de resgatar o pensamento da redução técnica e instrumental característica da modernidade. A reflexão heideggeriana acerca da arte, da verdade e da finitude permanece, portanto, profundamente atual, sobretudo diante de um tempo marcado pelo esquecimento do Ser e pela crise das formas tradicionais de sentido.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Maria José Rago. **Arte e verdade**. São Paulo: Loyola, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Edições 70, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes, 2012.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

NUNES, Benedito. **Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger**. São Paulo: Ática, 1999.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação e outros ensaios**. Tradução de Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, 1987.